

Escalada no Médio Oriente?

O destino da escalada do conflito joga-se entre os interesses dos EUA e do Irão e a relação entre os EUA e Israel e entre o Irão e os seus proxys.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 10 de Janeiro de 2024

Escalar, todas as guerras escalam. Umas, verticalmente, mobilizando armas cada vez mais letais. Outras, horizontalmente, alargando o número de beligerantes e o espaço geográfico do conflito. Na Ucrânia, o risco era vertical, com a ameaça da Rússia de emprego da arma nuclear. No Médio Oriente, o risco é horizontal, com a possibilidade de a guerra circunscrita à Faixa de Gaza se transformar num conflito regional em larga escala.

Na verdade, desde o bárbaro ataque do Hamas em 7 de Outubro e da desproporcionada e brutal retaliação israelita que o espectro da escalada paira sobre o conflito. Mas três meses depois, quando a operação militar israelita entra num período de baixa intensidade na Faixa de Gaza, e dirige os ataques para o exterior de Israel, o risco é maior que nunca.

Primeiro, na frente norte. Desde o início do conflito que na fronteira entre Israel e o Líbano se multiplicam as trocas de fogo entre o Hezbollah e as Forças de Defesa de Israel. 74.000 libaneses e 70.000 israelitas foram retirados das suas casas para zonas de segurança afastadas da fronteira. Israel reclama o cumprimento da Resolução 1701 da ONU, estabelecida depois da guerra de 2006, que exige que o Hezbollah se retire para a margem norte do rio Litani, entre 8 e 15km da fronteira. Mas, por outro lado, viola os acordos do pós-guerra de 2006 atingindo alvos a mais de 40km no interior do Líbano.

Agora, porém, entrou numa fase nova, mais arriscada e mais perigosa: abater altos responsáveis políticos e militares das organizações que combatem o Estado de Israel. Primeiro, foi o assassinato do número dois do braço político do Hamas, Saleh al-Arouri, e, agora, um importante comandante militar do Hezbollah, Wissan Tawil. O significado político destas operações é duplo. Primeiro, é a punição daqueles que Israel considera responsáveis pelos ataques à segurança do Estado de Israel e dos israelitas. Segundo, como os atentados foram perpetrados a cerca de 100km de Beirute, isto é a incursão com maior profundidade estratégica em território libanês, desde a guerra de 2006. E isso é o sinal claro de que o Líbano e o Hezbollah não estão seguros. O líder do Hezbollah já disse que os atentados não ficariam impunes e a resposta do movimento tenderá a equilibrar a balança da dissuasão. Mais cedo ou mais tarde, a retaliação é provável.

Mas há uma segunda frente de escalada possível: o mar Vermelho. Onde o movimento Houthi, operando a partir das costas do Yémen, tem lançado sucessivos ataques de mísseis, drones e sequestros sobre a rota marítima que atravessa o Suez e cruza o mar Vermelho. Os houthis dizem que apenas atacam alvos americanos ou ligados a Israel como forma de pressão para que acabem a guerra em Gaza. Mas a verdade é que têm alvejado dezenas de navios comerciais, levando as companhias a mudar de rota e a usar

a do Cabo, com todo o impacto e disrupção económica que isso significa: a rota do mar Vermelho representa 10% do petróleo e 7% do gás. Vários países formaram uma coligação marítima e lançaram um ultimato para dissuadir tais ataques e a marinha americana foi já obrigada a intervir militarmente. Também aqui a escalada é possível.

Mas que relação há entre as duas frentes e entre tais movimentos? É que todos, Hamas, Hezbollah e Houthis, são politicamente apoiados e economicamente financiados pelo Irão e funcionam como seus proxys. Significa isto que o destino da escalada do conflito se joga entre os interesses dos EUA e do Irão e a relação entre os EUA e Israel e entre o Irão e os seus proxys. O Irão conseguiu já suspender os Acordos de Abraão e a aproximação entre Israel e países árabes. Lançou os seus proxys num conflito que está a afectar Israel e a desgastar os EUA. Mas não quer ficar prisioneiro do envolvimento militar num conflito regional que pode pôr em causa o seu programa nuclear. Este é o dilema do Irão.

Os EUA têm outro: apoiam, até agora incondicionalmente, um aliado de que discordam quanto às políticas extremistas do seu governo, da retaliação desproporcional e das ideias anexionistas sobre Gaza e a Cisjordânia. Apoiam, mas não controlam. O custo internacional para os EUA e para o Ocidente é alto. Só vejo uma explicação racional para esta política americana: esperam que a vitória na guerra signifique o fim de Netanyahu. Seria no pós-guerra a única saída para a preservação da democracia em Israel e a solução dos dois Estados. Só espero que não seja tarde.

<https://www.publico.pt/2024/01/10/opiniao/opiniao/escalada-medio-oriente-2076263>